

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

THAYSE UCHÔA DE SOUZA ROSA

**ATINUKÉ: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E FORTALECIMENTO ENTRE
MULHERES NEGRAS**

Porto Alegre

2018

THAYSE UCHÔA DE SOUZA ROSA

**ATINUKÉ: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E FORTALECIMENTO ENTRE
MULHERES NEGRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2018

THAYSE UCHÔA DE SOUZA ROSA

**ATINUKÉ: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO E FORTALECIMENTO ENTRE
MULHERES NEGRAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Departamento de Jornalismo da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: _____ de _____ de _____ 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus - UFRGS
Orientadora

Nome – Instituição de ensino
Examinador

Nome – Instituição de ensino
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por preencher meus caminhos de luz e boas energias. Por me dar forças e guiar meus passos.

Agradeço à minha mãe, Cláudia Uchôa, pelo amor, carinho e apoio incondicional. Obrigada mãe, por ser minha referência, minha fortaleza e minha melhor amiga. À minha irmã Lívia Uchôa, pelo carinho, cuidado e cumplicidade. Às minhas avós, por serem fonte de carinho inesgotável.

Ao meu namorado, Andrey Coelho, pelo cuidado, companheirismo e principalmente pela paciência. Agradeço também por estar sempre presente e por todo apoio e incentivo.

À minha grande amiga e irmã Amanda Hamermüller, pela parceria. Nossa amizade é de outras vidas.

À minha orientadora acadêmica Sandra de Deus, pela paciência e disposição em abraçar comigo este tema de pesquisa.

Às Atinukes, por me abrirem o espaço, me permitirem participar dos encontros e levar essa iniciativa a outros olhares e lugares.

Aos meus ancestrais que lutaram e me proporcionaram a chance de poder estudar e me qualificar e a todas as mulheres negras que, assim como eu, seguem existindo e resistindo.

Às vezes eu temo escrever.
A escrita se transforma em medo,
Para que eu não possa escapar de tantas
Construções coloniais.
Nesse mundo,
Eu sou vista como um corpo que
Não pode produzir conhecimento,
Como um corpo fora do lugar.
Eu sei que, enquanto escrevo,
Cada palavra escolhida por mim
Será examinada,
E, provavelmente, deslegitimada.
Então, por que eu escrevo?
Eu tenho que fazê-lo
Eu estou incrustada numa história
De silêncios impostos,
De vozes torturadas,
De línguas interrompidas por
Idiomas forçados e
Interrompidas falas.
Estou rodeada por
Espaços brancos
Onde, dificilmente, eu posso adentrar e permanecer.
Então, por que eu escrevo?
Escrevo, quase como na obrigação,
Para encontrar a mim mesma.
Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto,
Mas o sujeito.
Torno-me aquela que descreve
E não a que é descrita
Eu me torno autora,
E a autoridade
Em minha própria história
Eu me torno a oposição absoluta
Ao que o projeto colonial predeterminou
Eu retorno a mim mesma
Eu me torno: existo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma as mulheres negras utilizam a comunicação, em suas mais diversas nuances, para se unir e fortalecer. A pesquisa parte de uma análise histórica, buscando traços de comunicação desde a chegada das primeiras mulheres africanas no Brasil, até a criação do coletivo Atinuké – Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Mulheres Negras, que surge no ano de 2015. Busca-se fazer um paralelo entre a história, identificando quais estratégias de comunicação permanecem com o tempo e como as mulheres negras contemporâneas adaptam suas linguagens e ressignificam ferramentas de comunicação para resistirem coletivamente. Também faz parte das delimitações desta monografia estudar de que forma o racismo histórico se reflete ainda na contemporaneidade, fazendo com que as mulheres negras sejam o grupo social que mais sofre com as desigualdades.

Palavras-chave: Comunicação. Mulheres negras. Representação. Feminismo negro. Resistência. Coletivos negros.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how black women use communication, in their most diverse nuances, to unite and strengthen. The research is based on a historical analysis, looking for traces of communication since the arrival of the first African women in Brazil, until the creation of the collective Atinuké - Group of Studies on the Thought of Black Women, which appears in the year of 2015. a parallel between history, identifying which communication strategies remain over time and how contemporary black women adapt their languages and re-signify communication tools to resist collectively. It is also part of the delimitations of this monograph to study how historical racism is still reflected in contemporaneity, making black women the most affected by inequality.

Keywords: Communication. Black women. Representation. Black feminism. Resistance. Black collectives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Amas de Leite	18
Figura 2 - Casamento de negros em uma casa rica.....	19
Figura 3 - Imagem do perfil das redes sociais das Atinukés em 23 de novembro de 2018	29
Figura 4 - Nota de posicionamento do coletivo Atinukés sobre as eleições 2018, publicado em 27 de agosto de 2018	32
Figura 5 - Página das Atinukés no Facebook com 1.431 curtidas em 23 de novembro de 2018	33
Figura 6 - Página das Atinukés no Instagram com 997 seguidores em 23 de novembro de 2018	33
Figura 7 - Pesquisa Atinukés no Facebook	34
Figura 8 - Encontros feitos em roda	38
Figura 9 - Performance Dedi Ricardo	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Rendimento domiciliar per capita médio, por sexo e cor/raça dos chefes de família - Brasil (1995-2009) (Em R\$).....	25
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 HISTÓRIA: IDENTIDADE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA	15
3 RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDÃO: REAÇÕES E REFLEXOS NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS	21
3.1 A Base da pirâmide no topo das desigualdades	24
4 O COLETIVO: ATINUKÉ - GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS	27
6 PERCURSO METODOLÓGICO	35
7 O ENCONTRO DAS ATINUKÉS	37
7.1 Reunião em 01 de setembro 2018	37
7.2 Reunião Atinukés em 06 de outubro 2018	41
8 COMUNICAÇÃO ENTRE GERAÇÕES	43
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	52

1 INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a sociedade se organiza de forma hierarquizada, onde aspectos como racismo, machismo e classismo permeiam as estruturas, podemos dizer, de forma lúdica, que as mulheres negras são a base de uma pirâmide que coloca homens negros, mulheres brancas e homens brancos no topo dessa estrutura. Aspectos como raça e classe são fatores que influenciam diretamente na realidade e na posição social das mulheres negras do Brasil, fruto de mais de 300 anos de escravização de povos negros (DAVIS, 1984).

A Organização das Nações Unidas (ONU) apresenta, em seu Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.” Porém, a história fora do papel aconteceu de forma muito diferente para a população negra, especialmente para as mulheres negras. Por mais que a escravidão tenha acabado há 130 anos, o preconceito, a discriminação e os estereótipos ainda se fazem presentes na atualidade.

As mulheres negras, muitas vezes, veem a cor da pele se sobrepor ao gênero, fazendo com que vivam realidades de exclusão e opressão, proporcionados pelo racismo. Essas condições são confirmadas, por exemplo, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram que as mulheres negras ganham salários 43% menores que as mulheres brancas. A disparidade salarial é apenas um pequeno aspecto da grande teia de opressões que envolvem as mulheres negras e que agravam outros tantos setores como falta de acesso à educação, saúde e segurança.

A partir da leitura dos livros *Mulheres Raça e Classe* e *Mulheres Cultura e Política*, de Angela Davis, entendi que as mulheres negras precisam estar se reafirmando e se fortalecendo a todo o momento. Angela Davis destaca em seus livros a importância da união de mulheres negras, pois “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017, p.36), e conseqüentemente, todos se beneficiam.

Quando aquelas no ponto mais alto da pirâmide obtêm vitórias para si mesmas, geralmente a condição de todas as outras mulheres parece inalterada.[...] Mas, ao contrário, se aquelas no ponto mais baixo da pirâmide conquistam avanços para si mesmas, é praticamente inevitável que seu progresso empurre o conjunto da estrutura para cima. O avanço das mulheres

de minorias étnicas quase sempre dá início a mudanças progressistas para todas as mulheres. (DAVIS, 2017, p. 36)

A partir daí, percebi que minha realidade é cercada de mulheres negras que utilizam das mais diversas estratégias para se unir e se fortalecer. Eu mesma, negra, mulher e pobre, ao entrar na universidade no ano de 2014, busquei outras mulheres negras como forma de identificação e fortalecimento.

Por ter ingressado na universidade através do sistema de reserva de vagas para Pretos, Pardos e Indígenas (Lei de cotas 12.711 de 2012, sancionada pela presidenta eleita Dilma Rousseff) e reconhecendo a invisibilidade das mulheres negras, principalmente no ambiente acadêmico, minha intenção com este estudo é lançar luz sobre este grupo social, que tem seu passado silenciado e que, por diversos aspectos, é excluído da sociedade, mas que, mesmo assim, resiste. Escrever sobre mulheres negras é escrever, também, sobre a minha história, sobre como me tornei o que sou a partir da luta das minhas antepassadas. É utilizar-me do conceito de “Escrevivências”¹, de Conceição Evaristo, quando a minha escrita se contamina pela minha condição de mulher negra.

O coletivo Atinuké - Grupo de Estudos Sobre o Pensamento de Mulheres Negras é sinônimo de intelectualidade, ancestralidade, autocuidado e comunicação entre mulheres negras. Trazer essas iniciativas e questões para o ambiente acadêmico é benéfico pois apresenta a história das mulheres negras pela ótica de uma mulher negra que possui consciência histórica e se apropria de seu lugar de fala.

Se a memória pode se tornar silêncio duradouro, compete aos pesquisadores que se interessam também pelos modos de comunicação de um mundo distante fazer falar esses gestos que se multiplicam alhures, mas que permanecem como silêncio num tempo elevado à condição de futuro. (BARBOSA, 2016, p. 13)

A universidade, por muitas vezes, se apresenta como um ambiente hostil, por isso entendo ser importante trazer pautas que contemplem as mulheres negras que quebram barreiras e vencem as estruturas de opressão e silenciamento histórico,

¹ “A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. (Evaristo, 2017) Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em:

enraizadas no ambiente acadêmico. Abordagens diversas já foram apresentadas como forma de identificar iniciativas de mulheres negras na busca constante pelo fortalecimento e resistência. Na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) é possível destacar pesquisas como a da jornalista Jennifer da Silva Dutra, sob o título “Blogueiras negras: um espaço de ativismo e resistência da mulher negra”, que analisa as estratégias de comunicação do blog com as suas internautas. O artigo da relações públicas Luana Mendes Daltro, “Yes, we can: a transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais”, analisa como são construídas as narrativas sobre a estética das mulheres negras a partir do cabelo e, também, o trabalho de conclusão de curso da estudante Gabriela Seixas “Negras mulheres estilizando máscaras: análise das práticas de (re)existência e ativismo no processo de mobilização social a partir do Facebook”, que busca compreender o protagonismo das mulheres negras a partir de seu ativismo nas redes sociais.

Por outro lado, a universidade também é o ambiente que certifica e legitima o conhecimento e é a partir da discussão acadêmica aliada à subjetividade do ser mulher negra que surge o coletivo Atinuké - Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Mulheres Negras. Conheci o coletivo através das redes sociais e acredito que a criação deste grupo compila grande parte das mensagens de Angela Davis, principalmente quando a autora traz a ideia de que devemos “erguer-nos enquanto subimos”.

Com o intuito de unir o assunto mulheres negras e comunicação, no sentido de entender como as mulheres negras têm se articulado para se fortalecer e seguir resistindo em suas realidades, este estudo tratará sobre o coletivo Atinuké - Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Mulheres Negras como objeto de pesquisa. A iniciativa surgiu no ano de 2015 e foi idealizada por três mulheres negras do Rio Grande do Sul. Questionar o estado das coisas é o primeiro passo para buscar a mudança, por isso tomo este Coletivo de mulheres negras intelectuais como exemplo de união e de fortalecimento, para tentar entender como elas se organizam, especialmente na esfera da comunicação.

O estudo propõe identificar as estratégias de comunicação utilizadas por mulheres negras, desde a chegada ao Brasil, como escravizadas, e traçar um paralelo até os dias atuais com a criação de coletivos negros, entre eles, as Atinukés. A análise acontece a partir das lutas históricas das mulheres negras e à luz dos escritos de Angela Davis e de teóricos da comunicação. O objetivo geral é entender como

mulheres negras utilizam a comunicação para se unir e fortalecer. A partir daí, pesquisar quais as bases dessa comunicação e o que mudou na forma de se comunicar com o passar dos anos. Que tipo de ferramentas foram e ainda são utilizadas para sincronizar essa comunicação.

Antes de falar sobre o coletivo Atinuké, é preciso pesquisar o contexto histórico em que nascem os coletivos femininos negros e compreender a especificidade de suas pautas. E, na sequência, contextualizar o grupo Atinuké na atualidade. Perceber como se articulam e formam uma rede de fortalecimento e intelectualidade entre mulheres negras. Como a comunicação permeia e delimita ações desse grupo. Assim o estudo buscará entender as questões já citadas a partir de observação participante de dois encontros do coletivo, pesquisas bibliográficas e entrevista aberta com o grupo Atinuké. O princípio se dá através de leituras sobre estratégias de comunicação e por fim aplicando-as às ações do coletivo.

A pesquisa está dividida em nove capítulos. Inicialmente será traçado um histórico, identificando a trajetória da mulher negra desde a chegada ao Brasil como escravizada. Dessa forma, busco reconhecer ações de comunicação e o esforço pela preservação de uma memória africana.

Posteriormente, é investigado como surgiram os primeiros coletivos negros, o protagonismo das mulheres na construção desses grupos e na estruturação de resistências. Além disso, procura-se entender como a escravidão ainda se reflete na sociedade contemporânea e atinge especialmente as mulheres negras, tornando-as principais vítimas das discrepâncias sociais. Este capítulo complementa-se com dados estatísticos que comprovam as diferenças salariais, os índices de violência e também o preterimento nas relações afetivas.

No quarto capítulo apresento o coletivo Atinuké, como uma iniciativa contemporânea de estratégias de comunicação, resistência e fortalecimento entre mulheres negras. Como foi a criação do coletivo, seus objetivos, critérios de participação, como se articulam e estruturam suas reuniões.

Na sequência, apresento de que forma as Atinukés utilizam a internet como ferramenta de comunicação. Características dos perfis nas redes sociais e a formação de um pensamento crítico através de seus posicionamentos públicos.

A metodologia aplicada nesta pesquisa seguirá o os conceitos de observação participante e a técnica de entrevista aberta explicados por Duarte e Barros (2006).

Por fim, é feita a descrição dos encontros através da observação participante e apresentado os resultados da análise.

2 HISTÓRIA: IDENTIDADE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Por diversos aspectos, a vida das mulheres negras é negligenciada e silenciada, por outro lado a preservação da ancestralidade é sinônimo de resistência. A história das mulheres negras é cercada pelo poder da palavra, que, segundo Bueno (2008)², é “tradição oral e constitui um patrimônio da comunidade negra”. Ainda quando falamos de oralidade, Bueno (2008, p.1) também destaca que a memória oral é recurso precioso. “A memória das mulheres negras toma a palavra e pode fazer a mediação entre a nossa geração e as passadas, sendo o intermediário formal da cultura”.

Esse poder sobrevive há mais de 500 anos e é construído desde o reconhecimento das heranças históricas, até a dedicação para manter viva a memória de antepassados, diante de um verdadeiro sistema de opressão. Tudo isso através da palavra, que pode ser falada, escrita, recitada ou até cantada.

Corpo e voz definem a mensagem que adere ao seu suporte de denúncia - corpo que dança produz um texto que pode ser lido pelos que assistem a sua performance. Em sintonia de movimento, a música aciona o processo de rememoração; assim, os que sabem tocar um instrumento operam partituras imaginárias cuja leitura é uma herança ancestral. (BARBOSA, 2016, p.9)

Durante o período de escravidão, que durou mais de 300 anos (1550-1888), estima-se que cerca de 4 milhões de africanos tenham sido sequestrados e traficados para o Brasil. De acordo com Eltis (2007), foi o maior deslocamento forçado de pessoas ocorrido na história. Nesse contexto, as mulheres correspondiam a uma média 20% inferior com relação ao número de homens. Mesmo assim, cerca de quatro em cada cinco mulheres que atravessaram o Atlântico, vinha da África (ELTIS, 2007, online).

De acordo com Schumacher e Brazil (2007, p.16), o perfil de preferência dos escravizadores eram jovens do sexo masculino, mas as mulheres não eram dispensadas: “quando não era possível ‘comprá-los’, optavam por ‘molecas’ de ‘peito atacado’ ou ‘peito em pé’. Em 1732, ‘uma negra mina de peito em pé’ foi avaliada no Brasil, em cem mil-réis, por ser jovem e ter uma aparência saudável. ”

² Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf>. Acesso em 15 ago. 2018.

Vale lembrar que todo esse processo, arquitetado e executado por pessoas brancas através de muita dor, sofrimento e imposições, não aconteceu de forma passiva por parte dos africanos. Registros históricos mostram que ações de comunicação e resistência estiveram presentes desde o início do processo de escravização. Eltis (2007, *online*) destaca que “uma a cada dez viagens negreiras tenham sido marcadas por rebeliões importantes” fatores que aumentavam expressivamente os custos das expedições negreiras, e conseqüentemente diminuía o número de viagens.

As mulheres foram protagonistas de resistência por todos os momentos da história. Através de símbolos, buscaram a preservação de uma identidade africana. Nos porões dos navios negreiros, confeccionavam pequenas bonecas de tecido aos seus filhos, as chamadas Abayomis. “De origem Irubá, “abay” significa encontro e “omi”, precioso. Para as mães, as bonecas Abayomis trazem uma mensagem: ‘Ofereço a você o melhor que tenho em mim’”³ (MARTINS, 2016, *online*). Feitas apenas com retalhos das roupas dessas mulheres, nós e tranças, as Abayomis serviam como conforto e também como amuletos na tentativa de amenizar os sofrimentos da travessia atlântica.

Além do sequestro, um dos primeiros rituais em terras brasileiras foi o apagamento de uma identidade africana. Segundo Garaeis (2012, *online.*), os negros que conseguiam chegar vivos ao Brasil “logo eram separados de seu grupo linguístico e cultural africano”. Eram misturados com outros de tribos diversas, na intenção de dificultar a comunicação e impedir a formação de resistências, fazendo com que as diferenças funcionassem como barreiras sociais. Conforme Schumacher e Brazil (2007), também estavam entre as estratégias de apagamento identitário, a imposição de uma cultura cristã, que tinha início a partir da mudança do nome. Dessa forma, as mulheres, em especial, passavam a chamar-se Glória, Eva ou Maria.

Mesmo com a imposição de nomes cristãos, é possível identificar um dos primeiros sinais de resistência, comunicação e preservação da memória e da identidade africana dessas mulheres negras:

A grande maioria de africanas resistiu e preservou o seu nome de origem, assim expressando entre os seus, uma parte muito significativa de sua

³ Disponível em <<https://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/13412/abayomis-amuleto-que-diminuia-a-dor-de-criancas-nos-navios-negreiros>>. Acesso em: 07 out. 2018.

identidade étnica ou religiosa. Os nomes católicos eram utilizados apenas nas relações com os colonizadores, “eram apelidos de terras de brancos” como se dizia na época. Algumas agregaram também sobrenomes relativos aos lugares de onde partiram ou do grupo a que pertenciam em terras brasileiras. Foi assim que muitas africanas passaram a ser identificadas como Josefa Mina, Catarina Moçambique, Catarina Angola ou Maria Emini. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p. 22)

Na chegada ao “mundo novo”, as africanas desempenharam os mais diversos papéis e foram exploradas de formas cruéis. Seus trabalhos absorviam as tarefas domésticas, a lida na terra e os afazeres no comércio. A mão de obra feminina estava em todas as etapas de produção. O corpo era explorado como mão de obra servil e também para o sexo. “Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas mutiladas e também estupradas” (DAVIS, 1981, p.20).

Violências e humilhações faziam parte das rotinas das mulheres negras. A reprodução forçada também era uma forma de escravização sexual, no intuito de garantir cada vez mais negros para o trabalho servil. Bell Hooks também exemplifica essa relação hierárquica e de subordinação coercitiva entre mulheres escravizadas e homens brancos:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradadas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (BEL HOOKS, em *Intelectuais negras*, Estudos Feministas 1995. p. 464, online⁴)

A relação de exploração das famílias escravizadoras com as mulheres negras abordava também a criação dos bebês brancos, que desde o nascimento já eram alimentados pelas amas-de-leite. Dessa forma, as mulheres escravizadas eram proibidas de alimentar seus próprios filhos para prover o leite ao filho de sua senhora. “As consequências inevitáveis dessas brutalidades da casa grande traduziram-se na negação da maternidade de muitas escravizadas e na alta taxa de mortandade de suas crianças” (SCHUMAHER E BRAZIL, 2007, p. 45).

⁴ Disponível em: <<https://gpsufrb.files.wordpress.com/2012/04/intelectuais-negras.pdf>>. Acesso em 13 set. 2018.

Figura 1 - Amas de Leite

Fonte: Schumacher e Brazil (2007)

Registros históricos apresentam um olhar puramente sexual ao corpo das mulheres negras, criando a ideia de que todas são fogosas e que despertam desejo, mas nunca amor e paixão, bem como no relato do pintor Jean-Baptist Debret, que descreve uma cerimônia de casamento entre dois escravizados:

É digno de observar-se que a negra, extraordinariamente sensual, embora fiel e casta no casamento, não resiste ao desejo de conquistar o amor do dono por meio de cuidados particulares e tocantes atenções escondidas sob a aparência da humildade; deve-se dizer que essa artimanha dá excelentes resultados em todas as circunstâncias. (DEBRET, 1954 apud SCHUMACHER e BRAZIL, 2007, p.34)

Figura 2 - Casamento de negros em uma casa rica



Fonte: Schumacher e Brazil (2007)

As mulheres negras escravizadas resistiram. Roubaram-lhes a família, a identidade, a liberdade e a vida, mas não a memória. Os ensinamentos e as tradições foram passados de uma geração à outra, a partir do interior das senzalas. Entre eles, as funções de parteiras, benzedeiros, cozinheiras e a passagem de valores religiosos.

É possível identificar tentativas de resistência por toda a história da trajetória feminina negra. As mulheres africanas foram as principais responsáveis pela estruturação e organização de sociedades, além de traçar estratégias de resistência entre si e suas comunidades. O comércio foi um caminho importante, que forneceu um mínimo de autonomia a uma parcela das escravizadas, que mesmo atuando por ordem de seus patrões, “instalaram negócios e estabeleceram continuamente redes de comunicação entre os três continentes”. O comércio era uma das formas “de se manterem distantes dos rígidos controles e vigilância senhoriais, através destes serviços, alcançavam uma relativa liberdade de ir e vir quando e para onde quisessem” e também de juntar algum dinheiro para a compra de sua própria liberdade ou a de seus filhos (SCHUMAHER E BRAZIL, 2007).

Por terem a viabilidade de circular por toda a sociedade, as comerciantes, também conhecidas como quitadeiras⁵, eram vistas como perigo e ameaça pelas autoridades escravocratas, pois, conforme salientam Schumaker e Brazil (2007), essas mulheres “representavam um elo de integração, resistência e comunicação na trama de relações das populações negras locais” facilitando a fuga de outros escravizados e fortalecendo os Quilombos⁶.

“Do pouco que se sabe, pode-se supor que nas inúmeras comunidades quilombolas a participação das mulheres foi determinante e fundamental, tanto na manutenção prática, com o abastecimento de provisões, confecção de roupas e utensílios, quanto na preservação de valores culturais e religiosos. Em alguns mocambos elas representavam o elo com as divindades e fortaleciam o espírito de seus habitantes.” (SCHUMAKER e BRAZIL, 2007, p.82)

A luta e a resistência foram a única opção dessas mulheres escravizadas, que com o passar do tempo reinventaram seus espaços. A partir de suas sementes, seus sabores e valores ancestrais, implantaram sua fé, preservaram suas religiões e ritos, cuidaram umas das outras e, mesmo sem saber, geraram frutos que perduram até hoje.

⁵ Palavra derivada do termo “kitanda”, de origem quimbunda, que significa mercado ou lugar de mercado. É amplamente utilizado por povos de tradição banta.

⁶ Uma das primeiras formas de resistência no Brasil. Eram locais que concentravam negros (as) fugitivos (as). O maior e mais importante foi o Quilombo do Palmares, localizado em Alagoas.

3 RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDÃO: REAÇÕES E REFLEXOS NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS

O período escravocrata que iniciou em meados de 1560, teve um pífio avanço apenas 311 anos depois. Só em 1871 foi promulgada a Lei Rio Branco, conhecida como a Lei do Ventre Livre, que concedeu a liberdade para os filhos de mulheres escravizadas, nascidos após a data da lei, a partir dos 8 anos. Na sequência, em 1885 foi promulgada a Lei Saraiva de Cotegipe, mais conhecida como Lei dos Sexagenários, “que tornou livre os escravizados com mais de 60 anos e que acabou indo de encontro aos interesses dos fazendeiros que podiam livrar-se de escravizados pouco produtivos” (HAMERMÜLLER, 2018, p. 21).

A lei que confere o fim da escravidão veio apenas em 1888. A chamada Lei Áurea foi concedida pela Princesa Isabel e sancionada no dia 13 de maio. Vale lembrar o quanto essa lei contribuiu para a manutenção das desigualdades que ainda existem hoje:

A partir dessa data, milhares de negros ficaram sem destino de uma hora para outra. Não houve, por parte do Império, qualquer medida de integração da população negra à sociedade da época, fazendo com que essa parcela fosse apresentada a uma dura realidade, marcada por fatores como pobreza, falta de instrução, preconceito racial e invisibilidade social. (HAMERMÜLLER, 2018, p. 22)

Mesmo com a questionável liberdade, toda circunstância escravocrata, se reflete no imaginário social atual em forma de racismo, por vezes explícito, velado ou inconsciente, com um pensamento que estereotipifica as mulheres negras. Como quando há a ideia de que as mulheres negras servem apenas para o trabalho braçal e não para serem intelectuais, ao passo que mulheres não negras servem para o casamento ou para a troca de sentimentos. O ato de tornar livres negras e negros escravizados, serviu apenas para benefício dos brancos e para manter e fortalecer desigualdades.

Na intenção de reverter a herança da realidade escravocrata ou de minimizar os seus efeitos sobre a população negra, foram criadas organizações políticas, clubes recreativos, coletivos e até uma imprensa negra, que serviu como elemento de união, comunicação e consolidação de uma identidade afro-brasileira durante os períodos da pré e pós-abolição. “Esses espaços eram mananciais de símbolos culturais

necessários ao fortalecimento da identidade negra” (Ratts e Rios 2010 p. 78). Segundo Balhego (2016) essas organizações compõem a história do povo negro no Brasil e são instrumento de produção de conhecimento e intelectualidades.

Dessa forma de organização, na imprensa, surgiram o pasquim fluminense *O homem de cor* (1833) como primeiro periódico negro do país, e em Porto Alegre, o jornal *O exemplo* (1892). Em Pelotas destaca-se o periódico *A Alvorada* (1907) como um dos primeiros jornais onde as mulheres negras tiveram espaço para publicar suas denúncias e reivindicações. (Shumaker e Brazil, 2007)

Em 1931, em São Paulo, surge a Frente Negra Brasileira (FNB), movimento de maior expressão criado pelos interesses dos negros. A organização tomou grandes dimensões e se espalhou por diversos estados do país “chegando a atingir o número expressivo de 20 mil sócios. A FNB proporcionou à população afrodescendente não apenas assistência social, mas meios de enfrentar e combater o preconceito.” (Leite, 2017, online)

Nesse contexto surgiram diversas outras iniciativas criadas pelo povo negro na intenção de oferecer maior assistência e facilitar a comunicação da comunidade, tais como: “Movimento Brasileiro contra o Preconceito Racial (1935), Associação dos Brasileiros de Cor (1938), Associação José do Patrocínio (1941), Associação do Negro Brasileiro (1945) e TEN – Teatro Experimental do Negro (1944)” (Balhego, 2016).

Por volta de 1974, período em que o Brasil vivia uma ditadura militar, também foi possível identificar ações de reorganização do movimento negro. Foi nessa época que surgiu o Grupo Palmares no Rio Grande do Sul, Bloco Ilê Ayê na Bahia e, destaque, o Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978 como organização contrária a discriminação racial e que obteve expressão nacional sucedendo a Frente Negra.

A criação do MNU foi inspirada pelos levantes de negros no exterior. Entre eles, podemos destacar o Movimento pelos Direitos Civis ocorrido nos Estados Unidos, que devido ao seu alcance internacional projetou nomes como Martin Luther King e Malcom X (através desses atos foram criados os programas de igualdade de oportunidade e de ação afirmativa) e as lutas pela independência de países africanos (Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau). Outro ponto que influenciou a criação do MNU foram os casos de discriminações e violências que ocorreram naquele ano, como a proibição de atletas negros no Clube de Regatas Tietê, de São Paulo; o assassinato do operário negro Robson Silveira da Luz numa delegacia; e o assassinato de um trabalhador negro no bairro da Lapa. (BALHEGO, 2016, p. 22)

As mulheres negras estiveram presentes em todos os grupos e movimentos de promoção da igualdade racial e de gênero. Entre os anos 1960 e 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais, apoiaram e lutaram de forma irrestrita na luta pela libertação do povo negro, mas não tiveram suas particularidades contempladas pelo movimento negro ou até pelo movimento de emancipação feminina como um todo. Suas questões e reivindicações relacionadas a gênero, raça e classe não tinham prioridade nas pautas igualitárias. Entre os debates, as interseccionalidades das mulheres negras pobres e conseqüentemente mais vulneráveis socialmente não tinham espaço, pois “enquanto o movimento negro priorizava as discussões para combater o racismo e a inserção das questões raciais nas políticas públicas, o feminismo focava na mulher ocidental e branca, não abrangendo as especificidades das mulheres negras” (BALHEGO, 2016)

Um exemplo dessa crítica referia-se às mulheres brancas que, nas suas reivindicações brigavam por igualdade, inclusão, salários justos e esqueciam das trabalhadoras que cuidavam de suas casas e filhos sem tempo para participar de qualquer tipo de reivindicação e, muito menos, quem se dispusessem a representá-las.

(MARIA MULHER - Organização de mulheres negras, 2016, p.13)

Nessa circunstância destaca-se a professora e antropóloga Lélia Gonzalez, co-fundadora do MNU e “uma das principais responsáveis pela introdução das discussões sobre gênero e raça em diferentes espaços públicos” (Shumaker e Brazil, 2007). Lélia Gonzalez foi protagonista na luta contra o racismo e o sexismo, fazendo, também, o recorte de classe e lançando luz sobre as diversidades e subjetividades que se apresentam no ser mulher negra. Ao inserir-se nos grupos negros de luta e sob influência dos movimentos negros internacionais orquestrados por Angela Davis, Alice Walker, Nina Simone e Beatriz Nascimento, a professora “Lélia Gonzalez passou por um processo de corporificação da consciência negra” (Ratts e Rios, 2010 p. 68), movimento que transpareceu em suas roupas, seu cabelo e seus adornos. Estar entre os pares possibilita maior identificação pessoal e Segundo Ratts e Rios (2010 p. 70) “Afirmação e reconhecimento fazem parte de um jogo de espelhos entre pessoas negras em processo de construção de sua identidade racial”.

O ano de 1988 marcou o centenário da Lei Áurea e como parte das atividades de mobilização, foi realizado o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro. O evento contou com a presença de cerca 450 mulheres negras de 17

estados do país e possibilitou intercâmbio de experiências nas mais diversas organizações antirracistas (Ribeiro, 1995). A partir daí, sucederam-se diversos outros encontros e conferências que marcaram a história das lutas negras femininas onde foi possível questionar as ações do movimento feminista e dar início a um movimento de mulheres negras onde suas pautas eram contempladas de forma mais abrangente. Segundo Santos (2017) os eventos foram:

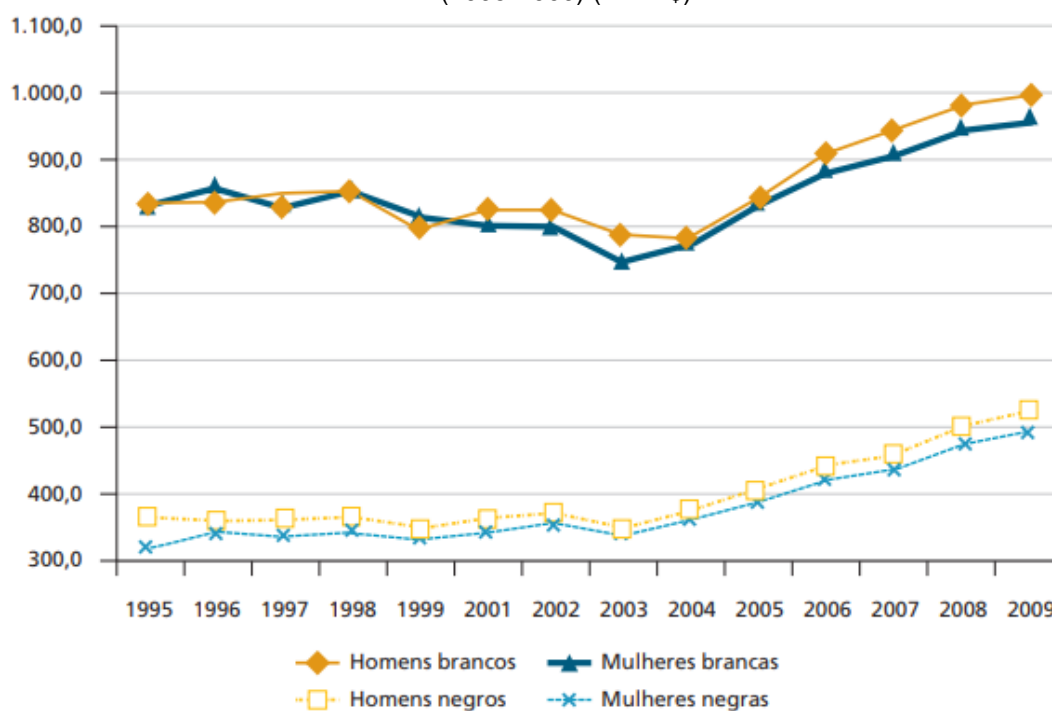
- 1994 - IV Conferência da Mulher, em Mar Del Plata/Argentina;
- 1995 - Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, no Rio de Janeiro/RJ;
- 1995 - IV Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing/China;
- 1995 - Marcha Zumbi dos Palmares – contra o racismo, pela cidadania e a vida em Brasília/DF;
- 1997 - XII Encontro Nacional Feminista em Salvador/BA (Encontro organizado por grupos de movimentos de mulheres negras)

3.1 A Base da pirâmide no topo das desigualdades

A cor da pele ainda está no topo das opressões, que se refletem em todas as relações sociais. A partir de dados coletados no último censo realizado pelo IBGE, em 2010, foi produzido o “Dossiê mulheres negras”, que apresentou informações específicas sobre as realidades atuais dessa parcela da população e a grande distância, ainda existente, entre homens e mulheres, brancos e negros. Entre os resultados, está a informação de que 51,1% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres negras, índices que abrem margem para interpretações que vão além do seu sentido literal, tal como, reflexões que questionam sobre a solidão da mulher negra e o seu preterimento nas relações afetivas. Laura Moutinho (2004) analisa em seu artigo *Discursos normativos e desejos eróticos: A Arena das Paixões e dos Conflitos entre “Negros” e “Branco”* que há um percentual relativamente baixo de relacionamentos e casamentos entre pessoas de diferentes raças. Mesmo nesses casos, são as mulheres negras as mais frequentemente relegadas. Fatores que se refletem de forma transparente nos índices de composição familiar que atribuem às mães negras toda a responsabilidade da família.

O “Dossiê mulheres negras” também destaca que, mesmo com o passar dos anos as desigualdades, vividas pela população negra, em especial as mulheres negras, permanecem inalteradas quando comparadas às realidades das pessoas de pele clara. A renda *per capita* é uma das formas de comparação. “De fato, entre 1995 e 2009, as famílias chefiadas por mulheres negras mantiveram-se sempre na posição de piores rendimentos, seguida pelos homens negros, mulheres brancas e, por último, pelos homens brancos.”

Gráfico 1 - Rendimento domiciliar per capita médio, por sexo e cor/raça dos chefes de família - Brasil (1995-2009) (Em R\$)



Fonte: Ipea et al. (2011)

Outra questão importante envolve os dados do Atlas da Violência de 2018⁷, que apresentam uma “forte concentração de homicídios na população negra”, no relatório é destacado que “É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%)”. Este cenário mostra que “negros são também as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil”, resultado

⁷ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em:

da desigualdade racial e da negligência que sempre existiu no tratamento da população negra.

Não é diferente quando falamos especificamente de mulheres negras. Em 14 de março de 2018, Mariele Franco, mulher, negra, mãe, lésbica, moradora da favela da Maré, vereadora do Rio de Janeiro, foi morta por treze tiros que alvejaram o carro onde ela estava, dias depois de denunciar ações violentas praticadas pela polícia. Após mais de oito meses posteriores a morte da vereadora, ainda não há respostas sobre seu assassinato, muito menos previsão de punição aos envolvidos. As investigações ainda não apontaram o nome de quem matou Mariele Franco. Mais uma prova da negligência do Estado com as vidas negras: a morte de uma mulher negra está sendo naturalizada.

Em números, o último relatório do Atlas da Violência que avalia a década 2006 a 2016 apresenta dados alarmantes sobre as mulheres negras. A pesquisa indica que em dez anos taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras (brancas, indígenas e amarelas) houve queda de 8%.". Números que jogam por terra a ideia de que o Brasil é o país da festa da miscigenação, onde brancos e negros vivem em harmonia e tem as mesmas oportunidades.

4 O COLETIVO: ATINUKÉ - GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS

O capítulo anterior apresenta os grandes obstáculos presentes na vida da maioria das mulheres negras brasileiras. Por esse motivo destaca-se o Coletivo Atinuké como uma rede de mulheres negras que contrariam as estatísticas e alcançam o ensino superior, além disso, tornam-se intelectuais de referência em um país que sempre negou o acesso dos negros à universidade. O coletivo Atinuké - Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Mulheres Negras é uma iniciativa contemporânea de fortalecimento e resistência entre mulheres negras. O projeto surge no ano de 2015, idealizado por Giane Escobar, Fernanda Oliveira e Nina Fola. Na época, Giane e Fernanda cursavam o doutorado e Nina era graduanda.

Inspiradas nas atividades de promoção dos direitos das mulheres negras organizadas pela ONG Criola, no Rio de Janeiro, nas quais Fernanda Oliveira participou em 2015, a ideia do coletivo surgiu da intenção de reunir e fortalecer mulheres negras para promover o pensamento e intelectualidades a partir de leituras de escritoras negras. O nome Atinuké tem origem no Batuque, religião de matriz africana que utiliza como referência a língua lorubá e significa “Aquele que merece carinho desde a gestação”. De acordo com a *fanpage* do coletivo, o nome Atinuké “é muito mais que uma religião, uma forma de viver assentada na matriz africana, a partir do espaço do terreiro e permeando toda a forma de ser e estar no mundo”.

A inquietação parte da necessidade de se compartilhar conhecimentos, discutir a invisibilidade das mulheres, o feminismo como teoria universitária e a interseccionalidade do feminismo negro que, ainda hoje, é menosprezado pela academia. Por isso, as intelectuais decidiram construir um grupo de formação sobre feminismos negros. Segundo Nina Fola⁸, a proposta é de que as participantes do coletivo tenham interesse ou estreita ligação com a academia, devido ao volume e densidade dos textos escolhidos para debate. Os encontros acontecem no primeiro sábado de cada mês, e a dinâmica das atividades propostas pelo coletivo sempre partem de uma leitura. Os textos, definidos pela coordenadora Fernanda Oliveira, são invariavelmente de autoras negras, na intenção de valorizar os registros negros e a produção intelectual negra, feminina e literária já existente. A cada encontro as

⁸ Entrevista aberta concedida à autora em 01 de setembro de 2018, realizada no Ponto de Cultura Africanamente.

participantes devem comparecer com as leituras feitas e as discussões avançam das impressões de cada uma sobre o texto. As conversas misturam a tecnicidade dos textos acadêmicos com a subjetividade e interpretação de cada uma. O ambiente é seguro e planejado de forma que as participantes se sintam à vontade para expressar suas opiniões sobre os mais diversos assuntos. Cada ponto de vista é levado em conta de forma respeitosa.

As trocas de energia através de olhares, abraços, carinhos e conversas cheias de atenção também fazem parte das reuniões. Nos encontros a comunicação acontece através do toque e da escuta atenta. O local escolhido para as reuniões do coletivo é o Ponto de Cultura Africanamente, que fica no bairro Floresta, em Porto Alegre. O lugar é um espaço-escola que oferece aulas de Capoeira Angola e também recebe iniciativas que promovem o “reconhecimento da importância das culturas de matriz africana preservadas ou ressignificadas no Brasil.”⁹. O ambiente possui referências africanas por todos os lados. Nas paredes há pinturas que representam o mapa do continente africano, e pessoas jogando capoeira. Além disso, há fotos de mestres de capoeira, bandeiras de países de África, tambores e berimbaus.

Desde sua criação em 2015, o coletivo Atinuké já organizou três turmas sobre o pensamento de mulheres negras, que vão se diversificando a cada procura. Com o crescimento e reconhecimento do grupo a partir das redes sociais, após a primeira turma as organizadoras precisaram estabelecer critérios para a seleção de participantes. Segundo Fernanda Oliveira¹⁰, para a turma de 2018 haviam apenas 20 vagas, e foram recebidas cerca de 194 inscrições. Atualmente, o coletivo conta com a participação de 45 mulheres.

Entre os principais critérios para participar das reuniões do coletivo estão, ser negra, ser mulher e, se possível, ter alguma ligação com a academia. Mulheres que são mães também têm preferência na ocupação das vagas. As inscrições são feitas via internet, através do preenchimento de um formulário online, onde as participantes devem preencher seus dados pessoais como: nome, cor, endereço, escolaridade e profissão, além de responder a mais duas questões que também norteiam a seleção: porque quer entrar no coletivo e qual o projeto de vida para daqui a dez anos.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pontodeculturaafricanamente/about/>>. Acesso 12 set. 2018.

¹⁰ Declaração feita no encontro do dia 06 de outubro de 2018, no Ponto de Cultura Africanamente.

Para a seleção das participantes, há uma comissão, composta por quatro Atinukés, que avaliam as respostas de cada candidata, analisando as pretensões desta mulher e comparando as respostas com a proposta do grupo. Para isso, é necessário que o projeto de vida da candidata esteja baseado no fortalecimento coletivo de mulheres.

Figura 3 - Imagem do perfil das redes sociais das Atinukés em 23 de novembro de 2018



Fonte: Atinuké no Facebook (2018)

Como forma de comunicação interna, o coletivo utiliza algumas redes sociais sendo elas: grupos de WhatsApp e Facebook. Já para a comunicação com acesso para o público externo, são utilizadas as plataformas Facebook e Instagram. Nestas redes sociais a imagem de perfil tem o desenho de três mulheres negras. Porém quando perguntadas sobre um símbolo ou uma imagem que lhes representa, não hesitam em citar o Sankofa¹¹.

Durante as reuniões, as Atinukés sentam-se em roda, de forma que a comunicação é facilitada, respeitando o lugar de fala de cada uma. Não há protagonismos e todas as contribuições têm a mesma importância. Sentar em círculo também facilita o olhar, face a face, proporcionando uma comunicação horizontal.

¹¹ “Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças que, segundo a filosofia do povo Akan, significa “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”. Em outras palavras, podemos ler como o retorno ao passado para ressignificar o presente. Este símbolo faz parte de um conjunto ideográfico, o adinkra, que o povo da antiga Costa do Ouro (atual Gana), o povo Akan, concebeu, e que posteriormente, se espalhou pelo Togo, Costa do Marfim e países da África Ocidental. Este é um dos exemplos mais conhecidos da resistência esculpida em ferro que os colonizadores até então não entendiam o significado daquele símbolo, mas que todos aqueles, vindos do continente africano, o identificavam como uma simbologia de luta, de resistência e de preservação de suas histórias.” Disponível em <<http://todosnegrosdomundo.com.br/memorias-da-africa-em-ferro-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes/>>. Acesso em: 15 de out. 2018.

Em 2018, o coletivo Atinuké também conta com a presença de mulheres afro-uruguayas que participam das reuniões e dividem seus conhecimentos. A parceria foi possível com o apoio da Universidade do Pampa (UNIPAMPA) a qual, agora, o coletivo faz parte. Além disso, a parceria universitária possibilitou o registro de um grupo de estudos sobre o pensamento de mulheres negras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através de um projeto de extensão, que recebe mulheres da comunidade em geral, certificado pela UFRGS.

5 INTERNET E REDES SOCIAIS: FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO

Em tempos de internet, torna-se cada vez mais importante a presença virtual de todos os tipos de organizações, empresas e grupos. Para o coletivo Atinuké não é diferente. Através das redes sociais as integrantes do grupo utilizam-se de ferramentas online de comunicação e levam os valores do coletivo para além dos encontros presenciais, contribuindo para a disseminação do pensamento de mulheres negras. Dessa forma, a internet, aliada às redes sociais, são as principais ferramentas de comunicação *online* utilizadas pelas Atinukés. Para Claudio Torres:

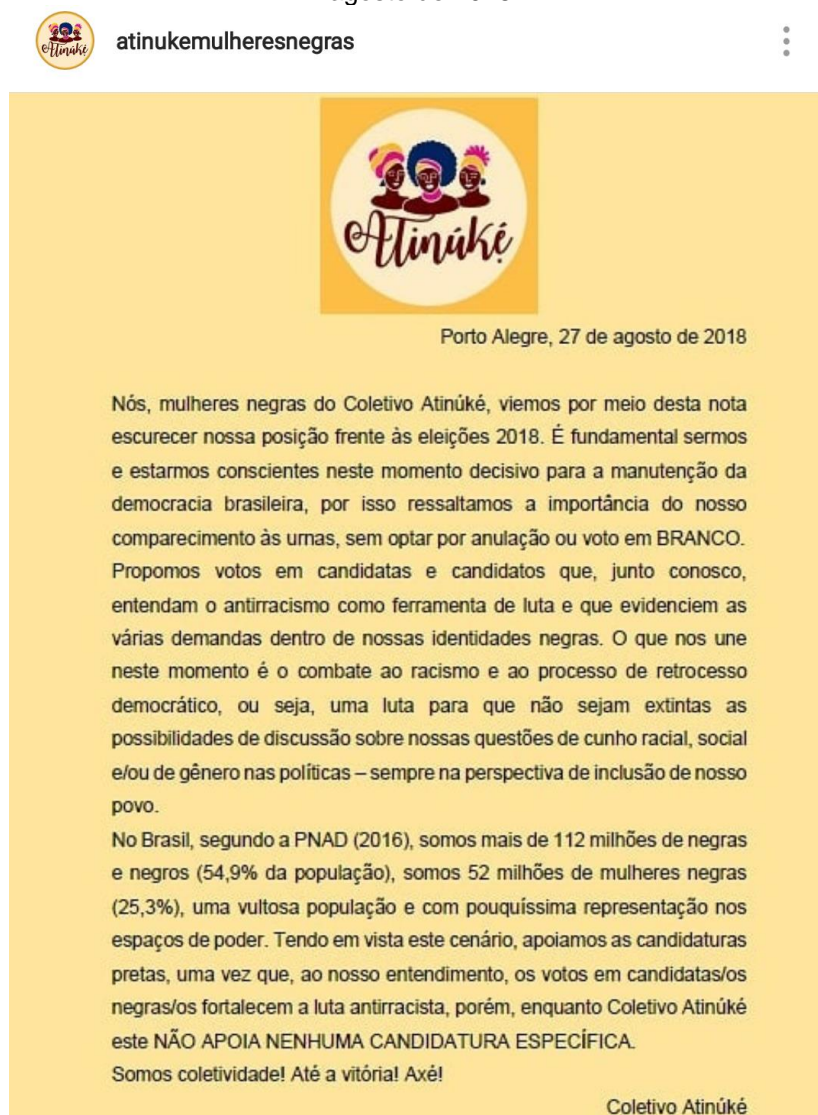
As mídias sociais são sites na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação (TORRES, 2009, p.113).

A avaliação de Torres (2009) permite a interpretação do uso das redes sociais pelas Atinukés em um contexto específico, onde há a intenção da passagem de uma imagem ou mensagem. Além disso, as ferramentas de comunicação *online* permitem a interação social através de comentários, reações e troca de informações por meio de hiperligações (*links*).

Entre os elementos que fazem parte dessa rede social, encontram-se atores, que funcionam “de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (Recuero, 2009). No caso das Atinukés os atores que permeiam a comunicação do Coletivo com os “consumidores” do conteúdo, estão o *Facebook* e *Instagram*. Segundo Recuero, os atores sociais representam “espaços de interação, lugares de fala, construídos de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. E é exatamente dessa forma que o coletivo Atinuké utiliza as redes sociais, como rede de relacionamento, que permite maior interação entre as pessoas.

Mesmo que o uso das redes sociais e a divulgação do coletivo não esteja entre o foco das relações, a presença online faz parte da sociedade atual, dessa forma, o coletivo sempre registra as reuniões e posta nas redes sociais. Da mesma maneira, são feitas as divulgações de novas turmas, comunicados, militâncias ou posicionamentos do coletivo, tal como o incentivo ao comparecimento às urnas nas eleições presidenciais de 2018.

Figura 4 - Nota de posicionamento do coletivo Atinukés sobre as eleições 2018, publicado em 27 de agosto de 2018



Fonte: Atinuké no Instagram (2018)

Percebe-se, portanto, que o coletivo utiliza, também, as redes sociais como instrumento e espaço de atuação política, fazendo uso dos laços sociais construídos através da interação online. Tudo isso faz parte das estratégias de comunicação deste grupo, que busca promover o diálogo com suas semelhantes.

A página do *Facebook* Atinuké, possui 1.431 seguidores e a página do *Instagram* possui 997 seguidores¹². As datas e horários referentes aos encontros do coletivo não são divulgadas nas redes sociais, tendo em vista que os encontros são

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/atinukemulheresnegras/>>. Acesso em: 18 set. 2018.
Disponível em: <<https://www.instagram.com/atinukemulheresnegras/?hl=pt-br>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

fechados apenas às integrantes do coletivo e as publicações servem apenas como registro.

Figura 5 - Página das Atinukés no Facebook com 1.431 curtidas em 23 de novembro de 2018



Fonte: Atinuké no Facebook (2018)

Figura 6 - Página das Atinukés no Instagram com 997 seguidores em 23 de novembro de 2018



Fonte: Atinuké no Instagram (2018)

Quando clicamos na barra de pesquisa do *Facebook*, apresentam-se, também, links que direcionam a grupos fechados de participação restrita às participantes dos cursos sobre o pensamento de mulheres negras. Os grupos também servem como ferramenta de socialização online sobre as discussões do curso.

Figura 7 - Pesquisa Atinukés no Facebook

The screenshot shows a Facebook search interface for the term 'atinuké'. The search bar at the top contains the text 'atinuké' and a magnifying glass icon. Below the search bar, navigation tabs include 'Tudo', 'Publicações', 'Pessoas', 'Fotos', 'Vídeos', 'Marketplace', 'Páginas', and 'Locais'. The main content area displays three search results, each with a profile picture, a title, a description, and a '+ Participar' button.

Filtrar resultados

MOSTRAR APENAS

- Qualquer grupo
- Grupos públicos
- Grupos fechados

MEMBROS

- Qualquer grupo
- Meus grupos

Atinuké - Pensamento de mulheres negras + Participar
 50 membros · 3 publicações por semana
 Porto Alegre, Rio Grande do Sul · Espaço para socializar discussões do grupo de estudos 'Atinuké' - sobre o pensamento de mulheres negras,....
 🎓 22 membros disseram que frequentaram UFRGS

ATINUKÉ - CURSO/PROJETO DE EXTENSÃO UNIPAMPA CAMPUS... + Participar
 10 membros
 ATINUKÉ - CURSO/PROJETO DE EXTENSÃO UNIPAMPA CAMPUS JAGUARÃO...

Atinuké - Curso sobre o pensamento de Mulheres Negras 2018 + Participar
 36 membros
 Porto Alegre, Rio Grande do Sul · Grupo para socializar informações

Fonte: Atinuké no Facebook (2018)

6 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia empregada para entender e estudar as estratégias de comunicação utilizadas pelo coletivo Atinuké é a observação participante, e entrevista aberta, além da revisão bibliográfica. De acordo com Duarte e Barros (2006, p. 125), a observação participante objetiva: “a inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua inserção com a situação investigada.” Ainda conforme Duarte e Barros (2006), a pesquisa participante implica em:

a) presença constante do observador no ambiente investigado para que ele possa ‘ver as coisas de dentro; b) compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sintetizado - ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar ‘interesses e fatos’; c) a necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador ‘assumir o papel do outro para poder atingir ‘o sentido de suas ações’. (DUARTE e BARROS, 2006)

Dessa forma, este método de pesquisa, destaca-se pela possibilidade de compreensão aprofundada do objeto que está sendo observado. A observação participante oferece ao pesquisador um olhar privilegiado, que permite analisar detalhes que não seriam viáveis através de outros métodos de pesquisa. Um exemplo disso é que o coletivo Atinuké, em especial, tem sua comunicação baseada no respeito e na valorização da ancestralidade, fatores que seriam impossíveis de serem observados somente a partir das redes sociais do grupo.

Já a opção pela entrevista aberta, acontece pela oportunidade que esta técnica proporciona de uma abordagem flexível ao informante. Assim, é possível que o entrevistador tenha liberdade de ajustar as perguntas a partir das respostas do entrevistado buscando, cada vez mais, aprofundar as respostas e abrindo mão de seguir um modelo engessado e roteirizado de perguntas e respostas.

De acordo com os conceitos de Duarte e Barros a entrevista aberta, tem o objetivo de ser:

Essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de resposta. Tem como ponto de partida um tema ou uma questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando seu conhecimento, percepção, linguagem realidade, experiência. Desta maneira, a resposta a uma questão anterior origina a pergunta seguinte [...] (DUARTE E BARROS 2006, p. 65)

A opção pela entrevista aberta também se fez necessária pela singularidade da proposta do coletivo. É preciso evidenciar que a formação de coletivos negros não é novidade, mas a proposta de construir e reproduzir intelectualidades negras e femininas é o que distingue as Atinukés de outras iniciativas.

7 O ENCONTRO DAS ATINUKÉS

Atendendo a proposta da pesquisa, acompanhei dois encontros do Coletivo. O primeiro no dia 01 de setembro de 2018 e o segundo no dia 06 de outubro de 2018. Nesses dias foram feitas observações participantes além de uma conversa com a coordenadora Nina Fola em formato de entrevista aberta, em que ela me contou sobre o surgimento do coletivo, suas regras e dinâmicas.

7.1 Reunião em 01 de setembro 2018

No sábado, 01 de setembro, o encontro das Atinukés foi dividido em duas partes: a parte da manhã, teve início às 8h, no Ponto de Cultura Áfricanamente. Este primeiro momento, é reservado para mulheres que se inscreveram para o Curso sobre o Pensamento de Mulheres Negras. Elas vêm de diversas cidades do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Muitas delas, são integrantes do projeto de extensão da Universidade do Pampa (UNIPAMPA).

Todas são recebidas com café da manhã e logo no início, Nina Fola, uma das coordenadoras do curso ressalta “O café é o nosso momento de afeto e de carinho”. Mesmo assim, as relações de atenção e cuidado podem ser percebidas a todo o momento, seja através do toque ou de uma escuta atenta à fala da outra. É como um ritual de trocas de energias, que também pode ser chamado de “Axé”.

Na abertura do encontro houve uma performance, realizada pela atriz e integrante do coletivo, Dedy Ricardo, que interpretou a canção *Para que despierten las mujeres todas*:

*Reloj de campana tócame las horas
para que despierten las mujeres todas
porque si despiertan todas las mujeres
irán recobrando sus grandes poderes*

A música foi explanada juntamente com a declamação do poema *Vozes-Mulheres* de Conceição Evaristo (Anexo A).

Figura 8 - Encontros feitos em roda

Fonte: Da autora (2018)

Figura 9 - Performance Dedi Ricardo

Fonte: Da autora (2018)

Este dia, especificamente, contou com a presença da convidada Beatriz Ramirez Abella, diretora da divisão de direitos humanos do Ministério do Desenvolvimento Social do Uruguai, mulher negra e ativista feminista. Em sua fala,

Beatriz contou sobre história, religião e trouxe relatos sobre a sua vivência como afro-uruguaia em um país que, segundo ela, possui apenas 8% de pessoas negras. Beatriz mostrou quanta semelhança há entre as desigualdades vividas entre a população negra no Brasil e no Uruguai e afirmou que, no caso brasileiro, “Apesar de sermos maioria, são as construções sociais que determinam as minorias e os processos de exclusão”.

Vale destacar que, por vezes, Beatriz Ramirez trazia em sua fala frases de autores de sua referência como Luiza Bairros, que foi ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil entre 2011 e 2014. Nas palavras de Beatriz “Luiza Bairros é mulher negra que pensa a negritude em um contexto coletivo de América Latina”. Beatriz também sugeriu leituras e destacou nomes como o de Angela Davis, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus.

Beatriz compartilhou sobre a sua atuação em um cargo de importante referência para a população afro-uruguaia e dividiu seus conhecimentos sobre outras autoras negras. A uruguaia ainda enfatizou a importância do intercâmbio da música, da cultura e do pensamento “Esse é o tronco comum que une as mulheres afro-brasileiras e afro-uruguaias: a resistência. Construir conhecimento através do coletivo e da prática política”. Por todo momento era possível perceber um enorme respeito por aquela mulher que ali estava a dividir os seus saberes. Após a exposição, o espaço foi aberto a perguntas. A manhã foi encerrada com uma roda de jongo¹³, visto que, segundo Nina Fola, “o conhecimento não deve acontecer apenas de forma intelectual, mas também partir da consciência corporal e da apropriação do próprio corpo”. A escritora Nilma Lino Gomes também fala sobre a importância de ser ter conhecimento e consciência sobre nossas corporeidades, porque um corpo negro é sempre sinônimo de política e busca por emancipação coletiva:

O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade.

¹³ *Jongo* é uma manifestação cultural essencialmente rural, diretamente associada à cultura africana no Brasil e que influenciou poderosamente na formação do Samba carioca, em especial, e da cultura popular brasileira. Inserindo-se no âmbito das chamadas ‘danças de umbigada’ (sendo, portanto, aparentada com o ‘Semba’ ou ‘Masemba’ de Angola), o Jongo foi trazido para o Brasil por negros bantus, sequestrados nos antigos reinos de Ndongo e do Congo, na região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/jongo/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Há aqui o entendimento de que assim como 'somos um corpo no mundo', somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual. (GOMES, 2017 p. 94)

A atividades do curso sobre o pensamento de mulheres negras terminaram por volta das 12h30. Após este horário, permaneceram apenas as integrantes do coletivo que prepararam um almoço, com a colaboração de todas, desde o aquecimento do alimento até a limpeza da louça. Nesse intervalo, as Atinukés aproveitam para conversar. Muitas falam sobre suas pesquisas acadêmicas e seus projetos. O clima, agora, é mais descontraído, pois é possível perceber uma relação de amizade entre elas.

O turno da tarde iniciou por volta das 14h30, com a reunião do coletivo. A proposta do dia era que todas tivessem lido o livro *O movimento negro educador Saberes construídos nas lutas por emancipação* de Nilma Lino Gomes. Antes de iniciarem as discussões, houve um estranhamento devido à minha presença na roda de conversa. A coordenadora Nina Fola me apresentou ao grupo e disse que eu estaria fazendo uma observação participante para elaboração de um trabalho de conclusão de curso sobre o coletivo. Eu expliquei a proposta do trabalho. Muitas delas expressaram um ar de curiosidade, outras mostraram-se receosas quanto à minha presença naquela reunião e sobre o teor da minha pesquisa. Quando terminei minha apresentação de proposta de trabalho, muitas pediram para que eu tivesse cuidado ao tratar de alguns assuntos, principalmente sobre a oralidade, pois é importante destacar que muitas histórias e rituais do povo negro existem e resistem até hoje porque foram passados através da palavra falada entre gerações, entretanto, há também, muitos registros em documentos e livros escritos por negros que contam a sua história e a trajetória dos afro-brasileiros neste país. Eu me comprometi com aquelas mulheres do coletivo de tratar aquele espaço com muito respeito.

Neste dia nem todas as integrantes haviam lido o livro proposto e disseram que foi por não ter tido tempo. Das que leram, muitas traziam anotações e grifos nos próprios livros. A conversa informal teve início pelo relato de uma integrante do coletivo que escolheu compartilhar a parte que mais gostou do livro. A sequência do encontro aconteceu de forma fluida, a partir de compartilhamentos de suas vidas pessoais que tivessem alguma relação com a leitura do dia, aliando a leitura acadêmica às subjetividades de cada uma. A partir dos compartilhamentos pessoais também há muita atenção e respeito pela fala da outra. Em alguns momentos, também

há emoção, que se apresenta de forma tranquila, pois o ambiente é seguro e confortável, cercado de muito carinho e afeto.

Às 18h30 terminam as atividades do coletivo Atinuké. As mulheres organizam o espaço e despedem-se com abraços demorados.

7.2 Reunião Atinukés em 06 de outubro 2018

Já observação participante do encontro do dia 06 de outubro, teve início a partir das 14h. A reunião foi enxuta e contou com a presença de apenas sete integrantes do coletivo. Na ocasião havia, também, uma estudante de geografia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) que também tinha as Atinukés como objeto de estudo.

Em um primeiro momento as integrantes do coletivo apresentaram-se, uma a uma. Vale destacar que todas as presentes identificaram-se com o seu nome seguido da palavra Atinuké, como se este fosse um sobrenome. “Eu sou (nome), eu sou Atinuké”. O significado dessa palavra é muito importante e representativo para aquelas mulheres. Em seguida, a coordenadora Fernanda Oliveira, contou brevemente sobre como surgiu a ideia e a criação do coletivo.

É possível afirmar que este foi um encontro mais administrativo, onde foram discutidas questões financeiras e de organização do grupo. Foram definidos e aprovados materiais como bolsas, canetas, agendas e camisetas personalizadas do coletivo. A intenção é produzir esses materiais com a logo do grupo para a venda. Segundo elas, essa é uma forma de arrecadar dinheiro para viabilizar atividades externas do coletivo, como participação em congressos e seminários. Entre os planejamentos está o interesse do coletivo em estar presente no Encontro Nacional de Mulheres Negras, evento que acontece no mês de dezembro em Goiânia - GO, em comemoração aos 30 anos do Movimento de Mulheres Negras Brasileiro. Para esta demanda, foi definida a criação de um financiamento coletivo virtual. Ainda na intenção de arrecadar fundos, foram debatidas possibilidades de eventos abertos ao público externo, com a cobrança de valores simbólicos na intenção de concretizar outras ações do grupo.

Outro ponto debatido, foi a realização reuniões conjuntas com o Coletivo Miltons Masculinidades Negras, um grupo formado apenas por homens negros. Foram

levantadas questões sobre a privacidade das Atinukés e sobre possíveis riscos para o coletivo, levando em conta a ideia de que as Atinukés são um espaço seguro para aquelas mulheres e a presença de homens naquele espaço poderia deixá-las vulneráveis ou até suprimir expressões.

Por fim, as integrantes presentes sugeriram assuntos a serem discutidos nos encontros seguintes.

8 COMUNICAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

A comunicação é uma necessidade latente e permanente entre as mulheres negras. A partir da comunicação, estas mulheres estabelecem laços de resistência, empoderamento e fortalecimento mútuo.

As mulheres negras se tornam empoderadas quando entendem e usam, individualmente ou em grupo, diferentes formas de saber para promover sua humanidade como sujeitos plenamente humanos. E uma das formas de fazermos isso é através da autodefinição. A autodefinição, diz Collins (2000), contribui para o fortalecimento, na medida e que o grupo fala para si e elabora sua própria agenda a partir de suas necessidades. (CARDOSO et al., 2016 p. 12)

Por isso a importância de trazer o tema mulheres negras e comunicação como objeto central desta pesquisa. Lançando luz a este grupo historicamente marginalizado devido ao gênero e cor da pele, mas que sempre encontrou caminhos e estratégias para resistir. As Atinukés são um exemplo disso.

A busca pela identificação das estratégias de comunicação utilizadas pelas mulheres negras, passa não só pela palavra falada, pelo texto ou pela figura. Trata-se, também de “desvelar atos humanos nas ações cotidianas de uma existência que se fixa também pelas sensações corpóreas, que em um segundo momento, são transcendidas pela memória e pelos gestos que reproduzem cenas de um mundo distante” (BARBOSA, 2016, p. 26)

Não se trata de falar em textos, discursos, gêneros, mas perceber o desenvolvimento da ação humana como ato comunicacional e, portanto, como ato narrativo. (BARBOSA, 2016, p. 32)

Além da necessidade de fazer uma desconstrução de estereótipos é preciso também empatia para entender que as mulheres negras resistem e se comunicam de formas diversas e subjetivas. A comunicação pode e deve ser interpretada também através da sociologia quando leva em “consideração a ideia de que as sociedades atuais são reflexivas, em graus muito mais elevados que as anteriores, obrigando a uma maior consciência e avaliação dos processos que nelas ocorrem” (Leite Viegas e Firmino da Costa, 1998, p. 2 *apud* Sandra Pereira, 2017)

O objetivo geral desta pesquisa foi entender como mulheres negras utilizam a comunicação para se unir e fortalecer. Através de pesquisa bibliográfica, foi possível

identificar que a comunicação sempre foi ferramenta de grande importância entre as estratégias de resistência das mulheres negras.

Um exemplo disso é a importância da ancestralidade presente em todas as ações de comunicação dessas mulheres negras no sentido de resgatar uma história, uma origem.

Quando as primeiras mulheres negras chegaram neste país e escolheram a subversão ao manterem seus nomes de África, mesmo que esses nomes fossem somente utilizados em suas relações com outros africanos, elas resistiram. Traçando um paralelo com o objeto de estudo desta pesquisa, essa relação de busca das origens também se percebe quando as Atinukés escolhem o nome do coletivo. A escolha por um nome que remete a uma religião de matriz africana e que tem um significado de carinho se assemelha a busca pela origem étnica e religiosa. Ainda com referência ao nome do coletivo e as estratégias de comunicação empregadas nessa escolha, é possível dizer que quando as Atinukés se apresentam, identificando-se com seu nome seguido da palavra Atinuké, estão repetindo um ritual, tal qual “Josefa Mina, Catarina Moçambique, Catarina Angola ou Maria Emini” conforme referenciado no segundo capítulo deste trabalho.

Entender as necessidades que as mulheres negras enfrentam por toda a sua trajetória e sublinhando o fato de que atualmente 51,1% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres negras, também faz com que a comunicação das Atinukés se estenda até as mulheres que são mães. E, quando facilitam o acesso de mães com seus filhos às reuniões do grupo, quebram barreiras históricas e sociais que excluem mães pretas de espaços coletivos ou de produção intelectual. Dessa forma, laços entre mulheres pretas e seus filhos também são fortalecidos. Diferente do que foi feito com as amas de leite no passado.

Outra forma de exaltar as ancestralidades é através dos rituais e músicas. Todas as atividades realizadas pelas Atinukés têm significado para além do momento presente. As rodas de jongo são uma forma de manter viva a cultura negra perpetuada por nossos antepassados. Fazem parte das estratégias de comunicação que misturam oralidade e corporalidade onde “corpo e fala se reúnem no ato da performance como competência comunicativa. As ações condensam mensagens que podem ser interpretadas como experiências passadas organizadas em narrativas rumo ao futuro sem endereçamento definido”. (BARBOSA, 2016 p.9)

Quando a Atinuké, Dedi Ricardo, apresenta-se com canção *Para que despierten las mujeres todas*, utiliza-se da oralidade através da música e do seu corpo para contar histórias. Segundo Barbosa (2016, p. 46) “Contar histórias é, portanto, a primeira das competências da oralidade”. Dessa forma, a voz é a mais potente tecnologia.

Neste caso, em específico, estratégias de comunicação e estratégias de fortalecimento e resistência tem o mesmo significado pois um está associado ao outro de forma complementar. As Atinukés são a continuidade das primeiras formações de resistência. Dos primeiros quilombos, dos primeiros clubes negros, dos primeiros coletivos e associações negras. O que as individualiza é o pioneirismo em priorizar as intelectualidades negras e femininas em suas pautas, além de produzirem pensamento crítico. Da mesma maneira que em 1931 a Frente Negra Brasileira e outros tantos coletivos, proporcionavam um ambiente seguro e buscavam alternativas para combater o racismo, as Atinukés através das leituras realizadas pelo coletivo e da partilha de suas integrantes, formam uma rede de comunicação que atravessa gerações.

A comunicação está presente inclusive quando são confeccionadas camisetas, bolsas, canetas e agendas. Além de arrecadar subsídios para arcar com as despesas do coletivo é uma forma de comunicação visual intencional, “que o ser humano faz para comunicar, através de um código e informações precisas”.

A comunicação visual tem como elementos da sua estrutura um emissor, que transmite uma determinada mensagem a um receptor, através de um canal e um código. É a existência do código e os elementos que o compõem, nomeadamente os signos, que a mensagem ganha significado - signo como elemento do processo de comunicação. Quando num processo de comunicação, o código não existe, não existe significação, logo reduz-se a um processo de estímulo-resposta (Eco, 2004). Sendo que uma das elementares condições do signo é a que ele está em lugar de outra coisa, os estímulos não satisfazem essa condição. (LACERDA, 2007)

O carinho, a forma de olhar, a atenção à fala, o toque e os encontros feitos em roda, fazem parte de uma comunicação oralizada e horizontal. Fatores que são facilitados quando a comunicação acontece entre pessoas de um mesmo grupo, com mesmas características e interesses.

As leituras escolhidas para as Atinukés são realizadas em seus momentos particulares, de forma que as interpretações também são individuais, e por fim, expostas ao grande grupo de forma oral. A comunicação através da leitura é:

[...] a mais complexa, aquela em que os olhos realizam o ato solitário de compreender como conceito as palavras que vão compondo a narrativa. A leitura silenciosa pressupõe familiaridade com o escrito e cria uma atmosfera de intimidade entre o leitor e o texto, qual o intercâmbio entre eles se intensifica, enquanto o contexto exterior se distancia e se apaga. (ZUMTHOR, 1993, P.106 apud BARBOSA, 2016, p 74)

Como ferramenta contemporânea o uso das redes sociais pelas Atinukés é um facilitador comunicacional. No ciberespaço o coletivo ganhou força e notoriedade levando suas reivindicações, militâncias e criando uma rede de apoiadoras virtuais que se identificam com a proposta “A identidade está envolvida no processo de representação” (Hall, 2005, p.70).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs, em seu capítulo introdutório, identificar historicamente as ações e estratégias de comunicação utilizadas por mulheres negras desde sua chegada no Brasil como escravizadas, até os dias atuais. Além disso, entender como mulheres negras utilizam a comunicação, no presente, para se unir e fortalecer, através do coletivo Atinuké - Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Mulheres Negras como objeto de estudo.

Os métodos de investigação utilizados foram observação participante entre os meses de setembro e outubro de 2018. Para coleta de informações, também foi utilizada pesquisa bibliográfica e a técnica de entrevista aberta com uma das coordenadoras do coletivo Atinuké, Nina Fola.

Respondendo aos objetivos iniciais foi possível identificar que há estratégias resistência por toda a trajetória negra e feminina. Desde a permanente busca pela ancestralidade e pela sua origem até os caminhos os esforços para a união e resistência do povo negro.

As mulheres negras foram e são peça chave na estruturação das sociedades, além de serem a resistência deste país pois sobre este grupo social é que estão instaladas as maiores desigualdades brasileiras.

Tiveram protagonismo na criação dos coletivos negros e inclusive no movimento de emancipação feminina levando suas pautas e subjetividades. A partir daí deram início a um movimento de mulheres negras.

Durante a pesquisa também foi possível perceber que a comunicação pode acontecer das mais diversas maneiras. Desde a fala, a escrita, através de um olhar ou um gesto. A comunicação pode estar na música, na dança nos símbolos ou na poesia.

A criação do coletivo Atinuké compila grande parte das estratégias históricas de comunicação estabelecidas por mulheres negras. Desde a chegada aos encontros em que todas são recebidas com abraços e carinhos, trocando energias. O formato das reuniões, em roda, onde todas se olham, permite uma comunicação horizontal e uma escuta qualificada. Além disso, as Atinukés fazem leituras e dinâmicas a partir de leituras de autoras negras e, o mais importante, produzem pensamento crítico e político. Como consequência, produzem lideranças qualificadas e embasadas. Cada

Atinuké sai dos encontros mais fortalecida, física, intelectualmente na medida em que constroem juntas argumentos para enfrentar o racismo brasileiro.

Também faz parte das estratégias de comunicação das Atinukés o uso das redes sociais, principalmente Facebook e Instagram. Apesar das ferramentas online serem uma facilidade contemporânea, elas não têm protagonismo entre as estratégias de comunicação das Atinukés. Neste espaço que são divulgadas novas turmas ou posicionamentos públicos do coletivo, mas comunicação prioritária acontece nos encontros presenciais.

Finalmente é possível fazer uma reflexão que questiona o porquê da existência histórica das formações de grupos e coletivos femininos e negros. A resposta é que as mulheres negras precisam estar se auto-afirmando a todo instante e buscam esses caminhos criando estratégias de comunicação entre si. As Atinukés são intelectuais negras que traçam um caminho paralelo à academia para estudar as suas pautas exaltando autoras negras já que, por diversas vezes, as instituições baseiam-se em estudos, conceitos e teorias criados por homens brancos. As Atinukés provam que existe produção intelectual dentro da comunidade negra e que a universidade simplesmente não quer enxergar.

REFERÊNCIAS

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf Acesso em 08 de outubro de 2018

BALHEGO, Juliana de Melo. **Cabelo ruim?: a representação do cabelo crespo na publicidade brasileira.** Porto Alegre: UFRGS, 2016. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BARBOSA, Marialva. 2016. **Escravos e o Mundo da Comunicação - Oralidade Leitura e Escrita no Século XIX.** Rio de Janeiro: Mauad

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

BUENO Francisca Izabel da Silva. **A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra.** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf Acesso em 02 de novembro de 2018

Dossiê mulheres negras 2013. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978 Acesso em 30 de outubro de 2018

ELTIS, David. **A Brief Overview of the Trans-Atlantic Slave Trade. Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database.** Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/assessment/essays>. Acesso em 22 abr. 2018.

FERREIRA, Marina dos Santos Bragine. 2017. **Mídias sociais como ferramenta de comunicação para fortalecimento de marcas e organizações.** Acesso em 20 nov. 2018.

FONTOURA, Maria Conceição Lopes et al. **Mulheres Negras e o SUS.** 2016

GARAEIS, Vitor Hugo. **História da Escravidão no Brasil.** 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/> . Acesso em 12 out. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Tradução Guacira Lopes Louro.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

HOOKS Bell. **Intelectuais negras**. Disponível em <https://gpsufrb.files.wordpress.com/2012/04/intelectuais-negras.pdf>. Acesso em 20 out. 2018

LACERDA, Antonio. 2007. **O Paradigma da Comunicação Visual e dos Signos Identificadores e na Sociedade Contemporânea**. Disponível em https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A5016.pdf. Acesso em 28 nov. 2018.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. 2017. **A Frente Negra Brasileira**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acesso em 07 nov. 2018.

MARTINS, Renata. 2016. **Abayomis: Amuleto que diminuía a dor de crianças nos navios negreiros**. Disponível em <https://www.ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/13412/abayomis-amuleto-que-diminuia-a-dor-de-criancas-nos-navios-negreiros> Acesso em 09 de outubro de 2018

MOUTINHO, Laura. 2004. **DISCURSOS NORMATIVOS E DESEJOS ERÓTICOS: A Arena das Paixões e dos Conflitos entre “Negros” e “Branços”** Disponível em <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/n20.pdf> Acesso em 30 de setembro de 2018

PEREIRA, Sandra. 2017 **Sociologia da Comunicação: As bases de um estudo no contexto das organizações** - Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-sandra-sociologia-comunicacao-bases-estudo.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2018

RATTS, Alex e RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo negro, 2010

RIBEIRO, Matilde. 1995. **Mulheres Negras Brasileiras: de Bertioga a Beijing** Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16459/15033> Acesso em 13 de novembro de 2018

RODRIGUES, Vera et al. **DEDS em revista**. 2016

SANTOS, Fabiana Gonçalves. 2017 **Manifestos de coletivos de mulheres negras brasileiras: Uma discussão sobre etnicidade e gênero**. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373057673_ARQUIVO_Simposiotematico-FabianaGSantos.pdf Acesso em 13 de novembro

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

SILVA, Caroline Fernanda Santos e CANTO, Vanessa Santos. **Mulheres negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político**. 2009 Disponível em http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/OLD/eixos_OLD/4_Questao-de-genero/MULHERES%20NEGRAS%20BRASILEIRAS%20E%20A%20CONSTRU%C3%87%C3%83O%20DE%20IDENTIDADES%20NE.pdf. Acesso em 28 out. 2018.

SODRE, Muniz. **A ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: vozes, 2014

ANEXO**ANEXO A**

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo